



FORMAÇÃO CONTINUADA MULTIPROFISSIONAL SOBRE COMPORTAMENTO AUTOLESIVO ENTRE ADULTOS E IDOSOS USUÁRIOS DE CAPS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

RAYANNA CAMILLA DOS SANTOS ARAÚJO; LETÍCIA TOSHIE MIYAZAKI DE SOUSA; AURIELLY DOS SANTOS GOMES

RESUMO

Introdução: O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) possui uma equipe de profissionais que devem possuir o conhecimento de processos que estão envolvidos no desenvolvimento de um serviço de cuidado ao sujeito. **Justificativa:** torna-se importante o oferecimento de uma formação continuada que possa suprir a necessidade de conhecimento dos aspectos individuais e determinantes das pessoas assistidas no centro, por meio do aprimoramento do conhecimento científico. **Objetivo:** oferecer um momento de discussão e aprendizado por meio de uma formação continuada multiprofissional sobre o comportamento autolesivo para profissionais de um CAPS. **Metodologia:** dentro do tempo de 90 minutos foi realizada uma aula, utilizando-se de estudo de caso enquanto metodologia ativa e estruturando-se em 5 etapas. **Resultados e discussão:** Através da observação em campo, notou-se alguns equívocos comuns relacionados à temática do comportamento autolesivo durante o cotidiano do CAPS. Quando perguntados sobre o que entendiam por comportamento autolesivo, as respostas mais frequentes eram relacionadas a lesões na pele. A diversidade de definições e termos para abordar o tema foi o gancho inicial da etapa expositiva. Nas discussões dos casos fictícios, apresentaram busca pelo contato com os familiares da usuária, buscando compreender e fortalecer sua rede de apoio, assim como, atividades corporais que trabalhassem com a ressensibilização e o contato com o próprio corpo como ações interventivas. Bem como, o uso de uma Tecnologia Assistiva (TA), como as técnicas de Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) para falas comprometidas. **Conclusão:** considerando que a formação continuada representa um processo de desenvolvimento profissional, a experiência mostrou-se bastante relevante no campo em que foi realizada, incentivando a atualização e continuidade da formação de profissionais da área. Além disso, a utilização da metodologia ativa evidenciou uma discussão mais dialogada e a construção de possibilidades de intervenções para o comportamento autolesivo, contribuindo para uma atuação mais comprometida com humanização e aprimoramento da formação profissional.

Palavras-chave: formação continuada; metodologias ativas; comportamento autolesivo.

1 INTRODUÇÃO

O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é destinado ao acolhimento de pessoas com transtorno mental grave ou persistente em estado de vulnerabilidade social. Reconhecendo-se que a formação em ensino superior não é o suficiente para esgotar os conteúdos necessários para a prática profissional (CFP, 2013) e tendo em vista a complexidade multifatorial dos casos recebidos nas unidades do CAPS, a formação continuada de profissionais da área da saúde é de extrema importância para o desenvolvimento de um serviço que possa oferecer

atenção e cuidado integral ao sujeito.

O projeto aqui relatado objetivou oferecer um momento de discussão e aprendizado acerca da temática do comportamento autolesivo. Comportamento autolesivo infanto juvenil é um tema bastante discutido dentro da literatura, tendo em vista seu caráter emergente e riscos relacionados à repertório mínimo de ferramentas de regulação emocional característicos da faixa etária (SILVA; BOTTI, 2017; GUERREIRO; SAMPAIO, 2013). O comportamento autolesivo pode se estender para a idade adulta e entre idosos, ou até mesmo se manifestar tardiamente. Os fatores de risco, no entanto, se diferenciam entre faixas etárias (SILVA; BOTTI, 2017). Compreender tais fatores torna-se de extrema importância para o delineamento da intervenção.

Uma das dificuldades encontradas, dentro da literatura, ao abordar o tema, trata-se da variedade de termos utilizados para definir esse tipo de auto-agressão, de modo que comportamento autolesivo torna-se um termo polissêmico, englobando comportamento de caráter suicida, não-suicida ou sem aparente distinção funcional. Assim, é considerado enquanto comportamento autolesivo todos os comportamentos que são intencionais e que provocam dano físico e/ou psicológico ao sujeito (BORGES, 2012). Ainda segundo Borges (2012), esse comportamento está associado a uma série de transtornos graves e/ou persistentes, tais como Transtorno de Personalidade Borderline, Transtornos de Humor, transtornos alimentares, Transtorno de Estresse Pós-Traumático e abuso e consumo de substâncias. Entre idosos, o comportamento autolesivo também está associado a transtornos degenerativos tais como demência. Souza (2014) aponta, também, para a presença de comportamento autolesivo em pessoas com Transtornos Globais do Desenvolvimento, tais como o Transtorno do Espectro Autista, intencionado a regulação sensorial devido a episódios de hiperestimulação.

A distinção entre comportamento autolesivo com e sem intenção suicida é importante para pensar-se nas ferramentas de intervenção. Para tal, é necessário que seja realizada uma investigação, a fim de compreender, através dos pensamentos e comportamentos do sujeito, o objetivo da ação. O fator decisivo na diferenciação está na intenção do comportamento. A intencionalidade do comportamento autolesivo não suicida pode ser alívio da tensão, obtenção de atenção ou prazer, resposta à hiperestimulação ou sem aparente objetivo funcional, enquanto o objetivo do comportamento autolesivo suicida é a interrupção da vida (BORGES, 2012). Alguns atos autolesivos sem intenção suicida podem, no entanto, acarretar em morte, seja devido a um erro ou ignorância. Da mesma forma, ambas as formas de autolesão podem se sobrepor, mesmo que não obrigatoriamente andem juntas (JANS et al., 2018). Em casos de comportamento autolesivo sem intenção suicida, uma intervenção baseada na substituição de comportamentos mal adaptativos por comportamentos saudáveis que obtenham o mesmo resultado ou resultados semelhantes pode ser uma estratégia eficiente para a diminuição do comportamento de risco.

O presente trabalho surgiu como uma proposta de intervenção desenvolvida na disciplina de Metodologias Ativas, do curso de Licenciatura em Psicologia e foi efetuado em um Centro de Atenção Psicossocial de modalidade II, dentro do estágio obrigatório em Psicologia Social Comunitária, sob autorização da supervisora atuante no local, unindo dois campos de atuação dentro da graduação em Psicologia.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho trata-se do relato de experiência de uma formação continuada com aplicação de Metodologias Ativas de ensino (SANTOS, 2019) com funcionários de um dos Centros de Atenção Psicossocial do tipo II na cidade de Teresina, Piauí, acerca da temática comportamento autolesivo entre adultos e idosos.

Foi desenvolvido, dentro do espaço de 90 minutos, a execução de uma aula, utilizando-se de estudos de caso enquanto metodologia ativa e estruturando-se em cinco etapas. A aula foi planejada e voltada para servidores do CAPS II, realizada previamente à reunião administrativa semanal, e teve como objetivo explorar a definição, fatores de risco e possíveis intervenções para casos de autolesão.

Na primeira etapa, perguntou-se o que os participantes entendiam por comportamento autolesivo. Essa fase teve como objetivo investigar o nível de conhecimento dos participantes sobre o tema, identificando possíveis equívocos e traçando uma linha de base para a etapa seguinte. Na segunda etapa, houve a exposição do conteúdo, baseado nas respostas adquiridas inicialmente. Nessa etapa, foram distribuídos folders com o conteúdo técnico reunido a partir da literatura atual, para que fosse utilizado como recurso auxiliar à aula expositiva.

Após esse momento, dividiu-se os participantes em dois grupos, sendo apresentados a eles dois casos fictícios: um caso de comportamento autolesivo em adulto e outro em idoso. Requereu-se dos participantes que discutissem os casos entre si e, levando em consideração a complexidade do tema, pediu-se que montassem o esboço de um plano de intervenção com as informações presentes no estudo de caso, a partir dos conhecimentos previamente expostos. Os grupos apresentaram seus esboços, comentando acerca das estratégias que foram desenvolvidas e trocando conhecimentos entre si. Essa etapa é avaliativa e permite observar a aquisição dos conhecimentos expostos, assim como a troca de novos conhecimentos ou conhecimentos previamente adquiridos ao longo da vida profissional dos participantes. Por fim, foi requisitado dos participantes o feedback da intervenção, buscando compreender possíveis melhorias e quais contribuições ocorreram devido à atividade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da observação em campo, notou-se alguns equívocos comuns relacionados à temática do comportamento autolesivo durante o cotidiano do CAPS. A intervenção foi planejada levando-se em consideração o contato prévio com a literatura acerca do tema por parte das estagiárias e a percepção do tema enquanto uma demanda possível de ser abordada entre profissionais, dentro da perspectiva da formação continuada.

A equipe dos CAPS é composta, obrigatoriamente, por enfermeiro, médico psiquiatra, técnico/auxiliares de enfermagem, profissionais administrativos, psicólogo, assistente social, terapeuta ocupacional e arteterapeuta (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021). A aula contou com a participação de uma profissional da Psicologia, uma terapeuta ocupacional, três profissionais da Enfermagem, um educador físico e os estagiários de Psicologia.

Quando perguntados sobre o que entendiam por comportamento autolesivo, as respostas mais frequentes eram relacionadas a lesões na pele. A diversidade de definições e termos para abordar o tema foi o gancho inicial da etapa expositiva. Como mencionado anteriormente, há uma divergência dentro da literatura quando se trata da definição e nomenclatura para comportamentos de autoagressão. Sendo assim, e levando em consideração o tempo proposto de discussão da temática, optou-se por adotar como base para a intervenção a definição proposta por Borges (2012), considerando comportamento autolesivo todo aquele que provoca dano físico e/ou psicológico intencionalmente, objetivando ou não a interrupção da vida.

Entender comportamento autolesivo através de sua intencionalidade foi um fator importante para discutir possíveis intervenções. Dessa forma, propôs-se compreender primeiro os tipos de comportamento autolesivo, os principais fatores de risco entre as faixas etárias e o objetivo do comportamento, fazendo a diferenciação entre comportamento autolesivo com e sem intenção suicida.

Após a exposição do conteúdo, houve um breve momento de discussão, onde os

participantes contribuíram com suas experiências profissionais. Em seu relato acerca de sua experiência em um CAPS infanto-juvenil, um dos profissionais de enfermagem apontou para a frequência de casos de comportamento autolesivo entre adolescentes e seus níveis de complexidade. Segundo ele, regulação emocional e busca pela atenção dos responsáveis eram as principais intenções dos comportamentos observados.

Para a aplicação da metodologia ativa, foram apresentados dois casos fictícios: um envolvendo uma mulher adulta, tendo por intenção a regulação emocional; e um caso com uma mulher idosa com histórico de institucionalização e fala comprometida. Os participantes se dividiram em dois grupos, tendo dez minutos para montar o esboço de uma intervenção baseando-se nos conhecimentos expostos.

O grupo responsável pelo primeiro caso apontou como metodologia interventiva a busca pelo contato com os familiares da usuária, buscando compreender e fortalecer sua rede de apoio, assim como atividades corporais que trabalhassem com a ressensibilização e o contato com o próprio corpo. O grupo oposto não ofereceu contribuições.

No segundo caso, o grupo responsável procurou investigar questões psicossociais atuais na vida da usuária, assim como questões relacionadas a seu histórico de institucionalização, atuando dentro dessa perspectiva. O uso de uma Tecnologia Assistiva, como as técnicas de Comunicação Alternativa e Aumentativa, foi mencionado como possibilidade de intervenção na fala comprometida apresentada pela usuária.

Avaliou-se que houve compreensão e aquisição dos conhecimentos que foram expostos previamente. Como feedback, uma das profissionais de enfermagem apontou para a importância do momento proporcionado, tendo em consideração como as experiências de estágio geralmente tornam-se unidirecionais, onde o estagiário apreende conhecimentos através das experiências dos profissionais do campo e usuários, mas não compartilha seus conhecimentos com os profissionais. Segundo ela, uma experiência como aquela era inusitada e importante, pois proporciona ao estagiário a possibilidade de compartilhar conhecimentos adquiridos ao longo do curso e ao profissional de rever conteúdos ou se aprofundar em conhecimentos mais específicos.

Pires da Silva (2020) nos reforça que a promoção da Extensão, um dos eixos que constituem o tripé universitário, é uma das finalidades da educação superior, tendo, dessa forma, respaldo pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996). Dessa forma, é objetivo das instituições de ensino superior do país estarem abertas para a participação ativa da população, de forma a conquistar e difundir conquistas e benefícios vindouros da cultura e da pesquisa científica e tecnológica geradas por estes.

Nos cursos de saúde e para a Psicologia, que transita entre esta área e a das Ciências Humanas, Guedes et al., (2009) trazem que a extensão proporciona possibilita a Promoção da Saúde, no que diz respeito a melhora da qualidade de vida e de saúde, assim como a cidadania das pessoas. Juntamente a isso, pauta-se na intersetorialidade, convergindo diversos setores e profissionais; e também a participação social, potencializando as redes de assistência, abrindo espaços de trocas, incentivando a conscientização social, política e o resgate da identidade desses sujeitos.

No âmbito da Psicologia Social Comunitária, atuando em um espaço como o CAPS, a Extensão Universitária alcança, também, a responsabilidade política da luta Antimanicomial e na compreensão e intervenção de questões psicossociais que atravessam esses usuários. Questões essas que são fruto da realidade concreta em que vivem e das vulnerabilidades de um sistema que os exclui.

4 CONCLUSÃO

A formação continuada é um campo amplamente explorado na área da educação.

Embora sua importância na área da saúde seja destacada em manuais de atuação (CFP, 2013), poucos são os materiais construídos que apontem para práticas de formação continuada entre os profissionais da saúde e da atenção psicossocial. Dessa forma, ressalta-se a importância de pensar, planejar, incentivar e construir materiais acerca do tema, possibilitando a democratização de conhecimentos e incentivando a atualização e continuidade da formação de profissionais da área.

Da mesma forma, destaca-se a importância de ampliar a literatura acerca da temática do comportamento autolesivo entre diversas faixas etárias, seus fatores de risco e propostas de atuação nesses casos, tão delicados e complexos. É preciso pensar e renovar conhecimentos acerca de temas específicos da atuação em saúde, o que ressalta a importância da troca entre profissionais e graduandos. Tendo isso em mente, não apenas a produção de acadêmicos é enfatizada, como a exposição de experiências e estratégias de profissionais atuando na área, contribuindo assim para o desenvolvimento de um arcabouço de conhecimentos que permitam uma atuação cada vez mais aprimorada e humanizada, objetivando sempre o bem-estar dos usuários da atenção psicossocial.

REFERÊNCIAS

BORGES, C. N. L. O. **À flor da pele**: algumas reflexões a propósito de um estudo de caso sobre autolesão. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)- Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa: 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/2282>>. Acesso em: 21 dez. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências Técnicas para atuação de Psicólogos(os) no CAPS- Centro de Atenção Psicossocial**. Conselho Federal de Psicologia, Brasília: CFP, 2013.

GUEDES, Carina Ferreira et al . Ensino, Pesquisa e Extensão na Formação em Psicologia: a experiência na Bandeira Científica. TransForm. Psicol. (Online), São Paulo , v. 2, n. 2, p. 32-50, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-106X2009000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 dez. 2022.

GUERREIRO, D. F.; SAMPAIO, D. **Comportamento autolesivo em adolescentes**: uma revisão da literatura com foco na investigação em língua portuguesa. Revista Portuguesa de Saúde Pública, v.31, n.2, p.2013-222, 2013. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0870902513000308>>. Acesso em: 21 dez 2022.

JANS, T.; VLOET, T. D.; TANELI, Y.; WARKE, A. Suicídio e comportamento autolesivo. In: International Association for Child and Adolescent Psychiatry and Allied Professions. **Tratado de Saúde Mental da Infância e Adolescência da IACAPAP**, 2018. Disponível em: <https://iacapap.org/_Resources/Persistent/351a2db40cf955eb1affa3c197e5eee3d32acb3f/E.4-Suicide-Portuguese-2020.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Dados da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) no Sistema Único de Saúde (SUS)**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/caps/raps/arquivos/raps_raps_2021_modelo_saps_julho_2021.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2022.

PIRES DA SILVA, W. **EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: Um conceito em Construção.** Revista Extensão & Sociedade, [S. l.], v. 11, n. 2, 2020. DOI: 10.21680/2178-6054.2020v11n2ID22491. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/22491>. Acesso em: 21 dez. 2022.

SANTOS, Taciana da Silva. **Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem.** (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica)- Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Pernambuco. Olinda, 2019.

SILVA, A. C.; BOTTI, N. C. L. **Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: revisão integrativa de literatura.** Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, v.18, p.67-76, 2017. Disponível em: <<https://scielo.pt/pdf/rpesm/n18/n18a10.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2022.

SOUZA, E. P. **Análise funcional do comportamento autolesivo em uma pessoa com desenvolvimento atípico.** Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.